

Voltar

UM MACHADIANO: MARQUES REBELO

O escritor Marques Rebelo, machadiano confesso, foi fundamental para o meu agnosticismo. Buscava seus textos com o mesmo espírito com que colecionava figurinhas na infância: era quase um jogo e virou, certamente, uma mania, em que o estilo do autor entrou como importante isca. Eu o descobri na biblioteca da Operária, em Batatais, embora já o conhecesse de nome, através de um dicionário de biografias — desses que eram vendidos de porta em porta e meu pai, pouco ligado em livros, acabou comprando.

Esse dicionário ficou comigo por muito tempo e, infelizmente, dele me desfiz nalgum sebo. Gostaria de reler, hoje, o verbete dedicado a Rebelo, chamariz que me levou à sua obra. Fui logo atraído pelos títulos poéticos de algumas obras (*Vejo a lua no céu, Estela me abriu a porta, A estrela sobe*), além da referência a uma característica do autor: a preferência pelas pessoas mais simples. “A vida é bela pelo que tem de simples e só a simplicidade é forte”, diria o escritor em *Cenas da vida brasileira*, uma de suas obras mais características.

Mas esse “populismo” rebeliano não o levou ao engajamento esquerdista. A preferência do autor pelas pessoas simples nunca o deixou refém do socialismo. Disse certa vez, numa entrevista: “Os comunistas me consideram fascista, os fascistas me consideram comunista, os socialistas me consideram reacionário, os liberais me consideram um sem-vergonha.” Caminhava no sentido contrário de muitos de sua geração e, também, de muitos da minha época, adolescentes no final dos anos sessenta, que preferiram viver hereticamente, no socialismo, a virtude da caridade, sem desconfiar que o amor ao próximo degenera em filantropia quando se desvincula das fontes cristãs. Agradeço-o por aprender, com ele, a refrear essa tendência esquerdista da minha geração, estimulada no Brasil pela ditadura militar e pelo clima rebelde em geral dos anos sessenta.

Só num aspecto foi Rebelo presa fácil da “ideologia”: na questão religiosa. Marques Rebelo sempre se considerou ateu. Como não aceitava um Criador pessoal para o universo, nem admitia a realidade sobrenatural, tudo o que contrariasse essas ideias era vagamente atribuído à superstição humana. Era como se dissesse: “Não me venham com fatos! Deixem-me em paz com minhas ideias.” Nem sempre Rebelo conseguia aceitar que a realidade tivesse autonomia em relação às ideias; na questão religiosa, estas é que se impunham àquela.

Certa vez, o poeta Paulo Mendes Campos lhe perguntou, em entrevista do início dos anos cinquenta: “Tem medo da morte, Marques?” E ele respondeu, prontamente: “Não, porque não sou supersticioso.”

Para ele, a morte era o fim de tudo. Tinha uma profunda incompreensão do fenômeno religioso, embora entre seus maiores amigos estivessem o poeta Augusto Frederico Schmidt e o romancista Cornélio Pena, ambos católicos. Admirava Octavio de Faria e Lúcio Cardoso, também católicos. No entanto, considerava religião um produto da superstição humana. A ciência, segundo ele, iria lentamente despojando o mundo de seus mistérios. Citou certa vez, em *O espelho partido*, um aforisma do escritor alemão Lichtemberg, que exprimia a sua própria visão de Deus e da vida eterna. Não me lembro agora textualmente da frase, mas a ideia era mais ou menos a seguinte: chegaria uma época na qual a crença em Deus teria a mesma consistência da crença infantil em bruxas e fadas.

Rebelo tinha, porém, uma grande sensibilidade para com a natureza, a quem via quase com olhar de panteísta. Muito preocupado com árvores e plantas, com quem parecia simpatizar mais do que com pessoas. Cita uma frase atribuída a Beethoven, que achava uma árvore mais bela do que um ser humano.

Ao passar por um jardim, esse desesperado dos homens exclamou certa vez: “Felizes vegetais, vou dizendo comigo a cada passo, felizes vegetais!” Era a felicidade das coisas belas, que não tinham sido amaldiçoadas com a faculdade de pensar, na qual ele via a razão do sofrimento humano. Pensar não lhe trazia felicidade: “Quanto melhor pensamos, mais nos sentimos sós,

descrentes e infelizes. E ainda por cima sem a esperança do reino do céu.”

Mas, paradoxalmente, dizia que “a vida precisa ser sofrimento para ser vida, renunciar à dor é cessar de viver”. Transformar a Bíblia em livro de cabeceira só podia resultar nisto: um ateu com mentalidade sacrificial.

Mas, se era preciso sofrer, era também necessário equilibrar a dor com prazer; e o idólatra Marques Rebelo foi, ainda que moderadamente, um epicurista. Gostava e fruía a realidade aparente das coisas. Sabia discernir como ninguém as coisas belas das feias. Um sentido agudo da beleza, natural ou cultural, fazia-o revoltar-se com a feiura, inclusive a moral. Se não conseguia admitir um Criador pessoal por trás da criação, era um homem formado pela moral judaico-cristã, de algum modo mais amigo das virtudes que dos vícios.

Suas opiniões eram em geral fundadas no bom senso. Conseguiu livrar-se da praga da ideologia, que atacou em muitos de seus colegas de ofício. Ao percorrer todo este país como inspetor federal de ensino, sabia da necessidade de ocupá-lo com homens e, embora não tivesse feito mais que dois filhos, louvava as famílias numerosas. Se panteísta, seu panteísmo não era como o de hoje, inimigo “ideológico” do crescimento demográfico.

Pobre Rebelo! Se a confiança que adquiri em sua palavra escrita foi fatal para a diminuição e quase total esfriamento da fé, o escritor carioca me ajudou, paradoxalmente, a continuar praticante e defensor da moral cristã...

O paradoxo não é difícil de compreender. Rebelo confessou a Paulo Francis, em entrevista à célebre revista *Senhor*, que ele e seus irmãos eram todos pagãos, mas um pastor protestante americano, amigo da família, o presenteara na infância com uma Bíblia, na clássica tradução da vulgata do padre Figueiredo. Tornou-se o seu livro de cabeceira, aquele que, segundo sua declaração, mais o influenciaria como escritor. Aos onze anos, já a conhecia de cabo a rabo. Fazia questão, obviamente, de deixar bem claro que não se interessava pela dimensão sobrenatural das Escrituras. Que é que sobrava da Bíblia rebeliana? Ótima literatura e fonte de virtudes morais.

No entanto, quando Deus se ausenta, forçosamente aparecem os ídolos. Marques Rebelo amou a literatura acima de qualquer outra coisa. Sem fé no Criador, era preciso servir, dalguma maneira, à criatura. Augusto F. Schmidt, seu amigo de adolescência, conta que a “criatura” que Rebelo amava acima de qualquer outra, neste mundo, era a literatura. Amou-a ao ponto de transformar a obsessão com a reescrita num dos principais “personagens” do romance *O espelho partido*, o que atrapalhou bastante a finalização da obra, que tinha sido projetada para sete tomos e não foi além do terceiro.

Quem é que já não viu, entre escritores, semelhante substituição da vida pela obra? Alguns cuidam com tanto carinho da própria fama e glória, que já começam a construir, com as próprias mãos, o futuro museu literário, guardando cartas, artigos, primeiras edições etc.

Mesmo sem partido político, Rebelo considerava como um dos deveres do escritor a tomada de consciência da realidade, visando interferir na consciência do público. Era, enfim, à sua maneira, um escritor engajado: engajado em si mesmo, na sua versão particular do mundo e da máquina do mundo.

Produto dessa visão comprometida da literatura era o seu anticlericalismo, baseado numa visão tipicamente voltairiana do catolicismo, alimentada pela literatura anticristã do século XIX, com Anatole France à frente. Certo satanismo anatoliano, irônico, atravessa algumas de suas obras, sobretudo se o objetivo era fustigar os católicos.

Uma obra de Rebelo que revela bem a sua posição a respeito da Igreja é *Cenas da vida brasileira*, cuja epígrafe tirou do “Livro de Jó”: “De onde vens?”, perguntou Deus ao diabo, ao que este respondeu: “Girei toda a terra; percorri-a inteira.” No entanto, um dos claros objetivos do escritor era, ali, mostrar o quanto a Igreja era responsável pela situação deplorável em que se encontrava o interior do país.

Um exemplo: quando um padre holandês, em Itajubá, começou a construir mais um templo, em cidade que já tinha vários, Rebelo saiu-se com a tola objeção de sempre: por que não fazer uma escola, um hospital, um asilo? Desconhecia o fato notório da Igreja ter sido quem mais construiu escolas, hospitais e

asilos no mundo? Era, pura e simplesmente, ignorância da história da Igreja?

Nessas andanças pelo interior do Brasil, só anotava falhas dos maus padres e dos maus bispos, com raríssimas exceções. Uma das coisas de que se orgulhava era ter ido a Roma e não ter visto o Papa. Não faltam irreverências contra Nossa Senhora Aparecida. Algumas vezes, curiosamente, sua aversão à Igreja parecia confundir-se e misturar-se ao ódio contra o poeta Augusto Frederico Schmidt, cuja inimizade só chegou ao fim na velhice dos dois escritores.

Rebelo fazia questão de ressaltar a catolicidade dos maus católicos. Quanto aos bons, que certamente os havia, não se dava ao trabalho de percebê-los. Implicava ferozmente com o novo estilo das capelas interioranas, o nosso gótico caipira. A única coisa católica que parecia respeitar era a arquitetura barroca das igrejas mineiras. Tinha um carinho especial por elas, dentro das quais, de vez em quando, e muito de passagem, experimentava algo que não era lá deste mundo — físgadas rápidas da Graça que o peixe arisco não conseguia morder.

O voltairiano e machadiano Rebelo era, no entanto, um homem generoso, atestado por todos que o conheceram. Um sentimento equivalente, a compaixão pelos infelizes, está presente em toda a sua obra literária. Se houve um escritor brasileiro que se compadecesse com o sofrimento alheio, ele se chamava Marques Rebelo.

Como contista da gente simples, seus personagens são, no entanto, seres quase completamente destituídos de religiosidade, o que é, de certa maneira, uma deformação, pois a gente simples geralmente crê em Deus e costuma rezar. Duas vezes, porém, Rebelo se traiu: no final “cristão” do romance *A estrela sobre* e numa pequena novela diluída em *O espelho partido* (a história de Madalena e Pinga-Fogo, que estudei em meu doutorado, em 1994, destacando justamente esse aspecto: o seu indisfarçável cristianismo).

O ateu Marques Rebelo era moralmente um cristão. Se o pai positivista não deixou que o batizassem na Igreja, foi de algum modo batizado com a Palavra de Deus, através da Bíblia que lia desde a infância e marcou para sempre a sua literatura.

Certamente, foi com ela debaixo do braço, a Bíblia camoniana do padre Figueiredo, que Rebelo se apresentou no Céu para tentar negociar sua salvação eterna com o próprio Autor das Sagradas Escrituras.